

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA

JULLYANNA FREIRE MONTENEGRO AGRA

“NÓS DAREMOS FIM EM QUEM GERAMOS”:
uma leitura psicanalítica do comportamento de Medeia

CAMPINA GRANDE – PB

2016

JULLYANNA FREIRE MONTENEGRO AGRA

“NÓS DAREMOS FIM EM QUEM GERAMOS”:
uma leitura psicanalítica do comportamento de Medeia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Unidade Acadêmica de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da Universidade Federal de Campina Grande – PB, como requisito básico para a conclusão do Curso de Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio

CAMPINA GRANDE – PB

2016

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro Silva”- UFCG

A277n

Agra, Jullyanna Freire Montenegro.

“Nós daremos fim em quem geramos”: uma leitura psicanalítica do comportamento de Medeia / Jullyanna Freire Montenegro Agra. – Campina Grande, PB: O autor, 2016.

29 f. il.:Color. 21 x 27,9 cm

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Referências.

Orientador: Edmundo de Oliveira Gaudêncio, Dr.

1. Psicopatia. 2.Perversão. 3.Mitologia. 4.Feminino. I. Gaudêncio, Edmundo de Oliveira. (Orientador). II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.964-053.2 (813.3)

JULLYANNA FREIRE MONTENEGRO AGRA

“NÓS DAREMOS FIM EM QUEM GERAMOS”:
uma leitura psicanalítica do comportamento de Medeia

BANCA EXAMINADORA

Orientador:

Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Prof. M.^a Isabela Lemos Arteiro

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Prof. D.ra Regina Lígia Wanderlei de Azevedo

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Campina Grande,

2016.



Figura 1 - Jason and Medea (Pintura de Carle van Loo) *

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e minha irmã, pela paciência eterna de me ouvir choramingar e reclamar de todas as coisas, e por demonstrarem que a força está dentro de cada um de nós em meio aos pequenos gestos de coragem.

Às minhas amigas – as de sempre, que estiveram dispostas a ouvir meus longos monólogos, e também por embarcarem comigo em meus sonhos e experiências.

Ao meu analista, por me lembrar de encarar minha ansiedade.

Ao meu orientador, por se mostrar muito mais que um grande “mestre” e sempre me incentivar à coragem de enfrentar meus medos e superar as dificuldades que se apresentassem a mim.

Ao meu grupo de supervisão de estágio – Professora Isabela, Jéssica, Thaís, Maria Luiza, Matheus e Carla – por acolherem minha angústia e ajudarem no processo de *emponderamento* das minhas palavras.

No mais... Agradeço aos meus professores – todos eles – por me auxiliarem nesta jornada e por estarem dispostos a compartilhar não apenas os ensinamentos teóricos, mas também os aprendizados que a vida lhes ofereceu.

RESUMO

Na primeira parte deste trabalho, intitulada “*Algumas considerações sobre Psicopatia e Perversão*” é realizada uma reconstrução histórica do termo *Psicopatia*, de modo que se possa entender melhor como esse termo foi alcunhado e como ele se torna tão popular em meados do século XX, bem como iniciamos uma tentativa de questionar aquilo que a psicanálise nomeia como *Perversão*, ainda nesta seção buscamos as *Relações entre o Transtorno de Personalidade Antissocial e a Perversão*, fazendo um paralelo entre estas categorias diagnósticas objetivando a observação dos pontos convergentes destas. Na segunda parte, “*Medeia – um caso de homicídios múltiplos*”, construímos uma análise do caso da personagem mitológica com o intuito de discutir as possíveis classificações em que a mesma se encaixa. E, por fim, na terceira parte do trabalho temos um debate sobre o que nomeamos “*Questões acerca do feminino*” que busca compreender um pouco desse entorno da sexualidade que nos apresenta o caminho para uma estruturação de personalidade possivelmente perversa ou psicopata nas mulheres.

Palavras-chave: Psicopatia – Perversão – Mitologia – Feminino

ABSTRACT

In the first part of this work, entitled “*Observations on psychopathy and perversion*” is held a historical reconstruction of *Psychopathy* term, so that we can better understand how this term was nicknamed and how it becomes so popular in the mid-twentieth century, as well we started as an attempt to question what psychoanalysis names as *Perversion*, yet in this section we seek relations between the *Antisocial Personality Disorder* and *Perversion*, making a parallel between these diagnostic categories aiming at the observation of the converging points of these. In the second part, “*Medea – a case of multiple murders*”, we built a case analysis of the mythological character in order to discuss the possible classifications in which it fits. And finally, the third part of the work we have a debate about what we named “*Questions about the female*” that seeks to understand a little of that around the sexuality that shows us the way to a potentially perverse or psychopathic personality structure in women.

Keywords: Psychopathy – Perversion – Mythology – Women

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. PRIMEIRA PARTE: Algumas considerações sobre Psicopatia e Perversão	11
2. SEGUNDA PARTE: Medeia – um caso de homicídios múltiplos	17
3. TERCEIRA PARTE: questões acerca do feminino	24
CONCLUSÕES?	26
REFERÊNCIAS	28

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Jason and Medea (Pintura de Carle van Loo) *	4
Figura 2 - Fórmula da Sexuação (LACAN, 1972-1973/1985, p.105)	25

INTRODUÇÃO

Quando pensamos em psicopatia, logo nos vem à mente um sujeito com cara de mau, truculento, de aparência descuidada, pinta de assassino e desvios comportamentais tão óbvios que poderíamos reconhecê-lo sem pestanejar. Isso é um grande equívoco! (SILVA, 2008, p. 16.).

Se levarmos em consideração que atualmente os termos psicopatia e perversão são utilizados de forma indiscriminada e, deste modo, vem sendo cada vez mais vulgarizados e se resumindo em “atitudes maldosas”, devemos nos questionar sobre isto: O que são realmente a perversão e a psicopatia? Quais as relações conceituais entre perversão, psicopatia e transtornos de personalidade?

Pensar em perversão, psicopatia ou transtornos de personalidade provoca, já de início, a necessidade de três observações: Primeira, isso não é um assunto muito discutido nas Instituições de Ensino Superior. Segunda, Perversão (ou Personalidade Perversa) é a denominação atribuída pela Psicanálise a uma determinada estrutura de personalidade, enquanto Psicopatia é o termo antigo hoje substituído pela expressão Transtorno de Personalidade, na Psiquiatria. Terceira, dever-se-ia reservar o termo Psicopatia apenas para nomeação de um dos tipos de Transtorno de Personalidade descritos no DSM-V, qual seja, o Transtorno de Personalidade Antissocial, conforme veremos adiante.

Embora a Perversão, a Psicopatia e os Transtornos de Personalidade sejam pouco discutidos nas Instituições de Ensino Superior, notadamente nos Cursos de Psicologia, eles são frequentemente citados nas páginas policiais, como podemos ver na reportagem, de 25 de junho do ano passado, do site *GI* que tem por manchete: “‘Ele é um psicopata’, diz delegado sobre suspeito de matar turista”^{*}.

^{*} Disponível em: <http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2015/03/ele-e-um-psicopata-diz-delegado-sobre-suspeito-de-matar-turista.html>

Por outro lado, resta evidente que a tendência humana para o crime não é matéria apenas contemporânea (embora hoje os crimes aparentemente se tenham tornado mais frequentes, graças à sua farta divulgação, através dos veículos de comunicação de massa) – e disso já dava testemunho Eurípedes (c. 480-406 a.C.), através de sua peça “Medéia”, baseada em um mito grego, personagem essa que examinaremos, tomando-a como caso exemplar, tal como Freud procedeu notadamente no que se refere a Édipo.

Medéia foi, segundo a mitologia greco-romana, uma mulher sábia que possuía uma grande habilidade na fabricação de fármacos e que, por isso, era considerada uma feiticeira. Medéia, conhece Jasão no momento em que ele parte atrás do famoso Velocino de Ouro e, através de sua inteligência, ajuda-o a conseguir o Velo e foge com o herói, tornando-se sua esposa. No entanto, Jasão encontra outra esposa e rejeita Medéia que, como vingança, mata os filhos que teve com o herói.

Tomamos tal personagem por conta de que ela apresentaria o comportamento que especificamente desejamos examinar, qual seja, a conduta delinquente entre mulheres, o que põe em atrito a Psiquiatria, a qual afirma existirem psicopatas do gênero feminino, e a Psicanálise – que assevera o contrário. Com este trabalho, é isso que desejamos investigar. Seria possível que a perversão na mulher exista? Mesmo tendo a Psicanálise a certeza ferrenha que não? Se ela existe, como se apresenta? Se não existe, então qual a grande diferença entre ela e os Transtornos de Personalidade apresentados pelas mulheres que a Psiquiatria estuda?

Para tal, justificamos sua elaboração mediante o desejo de trabalhar com os temas “Psicopatia” e “Perversão” e, ainda, frente à necessidade de fomentar discussões acerca de um tema tão complexo que abrange tantos questionamentos e que, muitas vezes, ficam sem respostas, ao tempo em que temos, por objetivos, estudar a relação entre Perversão e Psicopatia, bem como tentar compreender a possibilidade de existir uma *Perversão Feminina*.

Isso posto, este trabalho se justifica, academicamente, pela raridade da discussão aqui apresentada, ao tempo em que também está justificado pela exigência de sua confecção, como e enquanto condição de conclusão de Curso. Apelando para a hermenêutica psicanalítica como metodologia, são estes os objetivos aqui perseguidos:

- 1) **Geral:** Investigar a personagem de Eurípedes, Medeia, à luz da Psicanálise;
- 2) **Específicos:** estudar a relação entre o conceito de perversão, proposto pela psicanálise (sobretudo lacaniana) e a psicopatia, referida pela psiquiatria; e investigar a possibilidade de uma *Perversão Feminina*.

As observações que faremos sobre tal matéria, assim se encontram expostas: Na seção um, encontram-se algumas considerações sobre Psicopatia e Perversão, bem como um pouco das relações entre o Transtorno de Personalidade Antissocial e a Perversão; na seção dois, temos a construção de um caso clínico que intitulamos de “Medeia – um caso de homicídios múltiplos”; e na seção três, antes dos Comentários Finais, levantamos algumas questões acerca do feminino.

Dito isso, que seja prazerosa a sua leitura, mesmo que nas entrelinhas nosso texto verse sobre brutalidade e violência.

1. PRIMEIRA PARTE: Algumas considerações sobre Psicopatia e Perversão

Em 1896 surge o conceito de *oligofrenia moral*, proposto por Emil Kraepelin, em substituição à chamada “loucura moral”, o que vem representar uma mudança de padrão, uma vez que o que antes era uma loucura despropositada, sem razão, agora passa a ser uma loucura lúcida e específica (GAUDÊNCIO, 2004). Kurt Schneider vem, logo em seguida, trazer a alcunha de *personalidade psicopática*, para aqueles indivíduos que possuem alguns (ou todos) os defeitos da moral. Em sua tese de doutorado, Gaudêncio (2004) cita as três características propostas por Schneider, para os sujeitos diagnosticados como portadores das chamadas personalidades psicopáticas: “primeira, não são destituídos de juízo ou da capacidade de julgar, não sendo, portanto, loucos, no sentido literal do termo; segunda, a sua típica falta de desenvolvimento de valores éticos; e terceira, sua peculiar falta de adaptação social” (p. 236).

Atualmente, na 5ª versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, encontramos os chamados *Transtornos de Personalidade* – nomenclatura esta que substituiu a de Schneider – os quais apresentam, como definição:

Um padrão persistente de experiência interna e comportamento que se desvia acentuadamente das expectativas da cultura do indivíduo, é difuso e inflexível, começa na adolescência ou no início da fase adulta, é estável ao longo do tempo e leva a sofrimento ou prejuízo (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p.645).

São inclusos nessa seção os seguintes Transtornos de Personalidade: 1) Transtorno de personalidade paranoide; 2) Transtorno de personalidade esquizoide; 3) Transtorno de personalidade esquizotípica; 4) Transtorno de personalidade antissocial; 5) Transtorno de personalidade *borderline*; 6) Transtorno de personalidade histriônica; 7) Transtorno de personalidade narcisista; 8) Transtorno de personalidade evitativa; 9) Transtorno de personalidade dependente; 10) Transtorno de personalidade obsessivo-compulsiva; 11) Transtorno de personalidade devido a outra condição médica; 12) Transtorno de personalidade especificado; 13) Transtorno de personalidade não especificado. Ainda segundo o DSM-V, nos anos de 2001-2002, o *National Epidemiologic Survey on Alcohol and Related* divulgou que cerca de 15% dos adultos dos Estados Unidos apresentam ao menos um transtorno de personalidade (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Em Psiquiatria, o estudo das Psicopatias ou Transtornos de Personalidade se entrelaça com o que o DSM-V chama de *Transtornos Disruptivos (ou Disruptivo) do Controle de Impulsos e da Conduta*, que incluem condições envolvendo problemas de autocontrole de emoções e comportamentos e que, geralmente, apresentam-se na infância ou na adolescência, podendo servir como uma espécie de antecipação diagnóstica do Transtorno de Personalidade na vida adulta. Os transtornos Disruptivos inclusos nessa edição do DSM, são: 1) Transtorno de Oposição Desafiante; 2) Transtorno Explosivo Intermitente; 3) Transtorno da Conduta; 4) Piromania; 5) Cleptomania; 6) Transtorno Disruptivo do Controle de Impulsos e da Conduta Especificados; e 7) Transtorno Disruptivo do Controle de Impulsos e da Conduta Não Especificados.

Os Transtornos Disruptivos possuem, como características em comum, comportamentos pouco controlados que violam os direitos dos outros, ou que violam normas sociais relevantes (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Apesar da forte relação entre os Transtornos Disruptivos e os Transtornos de

Personalidade, neste trabalho será discutido, com maior profundidade, apenas uma dessas modalidades de condutas ditas ilícitas ou referidas como antiéticas ou imorais, qual seja, o Transtorno de Personalidade Antissocial, tendo em vista que é essa a modalidade de psicopatia ou transtorno de personalidade no qual se encontram os assassinos em série (*serial killers*) e os assassinos em massa, os quais são tipificados pela prática de vários homicídios, não de forma seriada, mas simultânea.

Tomamos por assassinato em série a definição trazida no Manual de Classificação de Crimes do FBI (FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION), de 1992, utilizada por Newton *apud* Vellasques (2008, p. 18) que o conceitua a partir de “três ou mais eventos separados em três ou mais locais separados com um período de resfriamento emocional entre os homicídios (NEWTON, 2005, p. 29). Por outro lado, a Psiquiatria refere que esses assassinos em série seriam portadores de um transtorno mental de base, referido como Transtorno de Personalidade Antissocial, que apresenta, por sua vez, os seguintes critérios diagnósticos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p.659):

- I. Um padrão difuso de desconsideração e violação dos direitos das outras pessoas que ocorre desde os 15 anos, indicado por três ou mais dos seguintes:
 - a. Fracasso em ajustar-se as normas sociais relativas a comportamentos legais conforme indicado por repetições de atos que motivam a detenção;
 - b. Tendência à falsidade, conforme indicado por mentiras repetidas, uso de nomes falsos ou de trapaça para ganho ou prazer pessoal;
 - c. Impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro;
 - d. Irritabilidade e agressividade, conforme indicado por repetidas lutas corporais ou agressões físicas;
 - e. Descaso pela segurança de si ou de outros;
 - f. Irresponsabilidade reiterada, conforme indicado por falha repetida em manter uma conduta consistente no trabalho ou honrar obrigações financeiras;

- g. Ausência de remorso, conforme indicado pela indiferença ou racionalização em relação a ter ferido, maltratado ou roubado outras pessoas;
- II. O indivíduo tem no mínimo 18 anos de idade;
- III. Há evidências de transtorno de conduta com surgimento anterior aos 15 anos de idade;
- IV. A ocorrência de comportamento antissocial não se dá exclusivamente durante o curso da esquizofrenia ou transtorno bipolar.

Dessa longa e enfadonha citação de transtornos mentais associados, direta ou indiretamente, com a prática de atos ilegais, uma lição podemos retirar: Tal taxonomia interessa sobretudo à Psiquiatria, considerando-se que aquilo que a move é a descrição fenomênica de casos clínicos possibilitantes do diagnóstico da entidade patológica de que alguém seria portador, e não a compreensão profunda do psiquismo do portador do transtorno em questão, como intenta a Psicanálise.

Por outro lado, para a Psicanálise, *Perversão* é uma das três estruturas clássicas que Lacan propõe (Neurose, Psicose e Perversão). Isso nos obriga a fazer um rápido esboço rápido sobre a forma assumida por essa estrutura clínica. Assim sendo, inicialmente retomaremos um pouco do que Freud chama de perversão, para, logo em seguida, entrarmos na teoria lacaniana propriamente dita.

Inicialmente, corroborando com Vallas (1997), quando este retoma o que Freud expõe em *Três Ensaios sobre a sexualidade*, poder-se-ia dizer que existem desvios numerosos que são relacionados tanto ao objeto sexual quanto ao alvo sexual. No primeiro caso, poderíamos referir a ideia encontrada em *O Banquete*, de Platão, no qual se relata o mito que existiriam duas metades – o homem e a mulher – que desejam juntar-se novamente, de forma que o objeto sexual seria, portanto, o homem (para a mulher) e a mulher (para o homem). No segundo caso, Freud (1905) vem dizer que a união de genitais seria um ato que levaria à descarga da tensão sexual e, por consequência, à extinção temporária da pulsão sexual. Logo, ao aparecer algum desvio na ordem do objeto sexual e do alvo sexual surgiria a perversão.

Para Freud e, depois, para Lacan, a perversão se relaciona com o fetiche que, como afirma Martinho (2011), é um símbolo. Não um símbolo qualquer, porém, um que se apresenta como um “símbolo do pênis” (p. 47), o qual, durante parte da sua vida, a criança acreditou existir no corpo materno, ideia essa a que a criança não quer renunciar. De modo que, na perversão, existe uma divisão de atitude frente à castração feminina, sendo ambas a rejeição e a afirmação dessa castração (FREUD, 1927). Dessa forma, o fetiche encobre a ação aniquiladora na medida em que se constitui o mesmo como objeto exclusivo de satisfação sexual, ou seja, como na perversão a questão é encobrir – negar – a castração, o sujeito se defende de todas as formas possíveis da falta e da castração, de modo que acaba elegendo um objeto exclusivo para a sua satisfação pessoal – o fetiche. Para Lacan (1901-1981), sendo os ditos perversos sujeitos livres da culpa que acompanha os neuróticos e prontos para as transgressões das normas (inclusive as sexuais), eles possuem acesso a um gozo que é interdito aos neuróticos, como referirá Lacan, gozo esse que se trata de conceito fundamental para a compreensão da perversão.

Para compreendermos isso, precisamos ter em mente que, para a psicanálise, existe uma busca constante da felicidade absoluta que, por sua vez, é um objetivo impossível de se alcançar. Segundo J. D. Nasio (1992, p.26), “essa aspiração, chamada desejo, esse ímpeto nascido nas zonas erógenas do corpo, gera um estado doloroso de tensão psíquica” que será refreada pelo recalque de duas formas: formação do sintoma, lapso ou sonho; e, por último, parte da energia fica retida e permanece superexcitada nas zonas erógenas, gerando uma tensão que reativa o aparelho psíquico.

Portanto, essas duas formas de refrear a tensão psíquica do desejo são o que Lacan propõe como dois dos estados do gozo, aparecendo, ainda, um terceiro estado, que seria ideal: a descarga total de energia libidinal. Sendo assim, os três estados do gozar são: 1) o **gozo fálico**, que poderia ser resumidamente explicado como a *energia que sai*, ou seja, a energia dissipada durante a descarga parcial que possui por consequência um alívio relativo (formação do sintoma, de sonhos, e lapsos); 2) o **mais-gozar** que, por sua vez, poderíamos explicar como sendo a *energia que fica*, pois é a que é retida no interior do aparelho psíquico e que mantém as zonas erógenas constantemente excitadas (relacionada às fantasias); e 3) o **gozo do Outro**, que seria o estado hipotético onde a tensão seria completamente descarregada. Esse estado do gozo

seria o que o sujeito supõe no Outro, gozo esse que, segundo J. D. Nasio (1992), é um sonho paradisíaco que, para o neurótico, gera temor, pois, mesmo sendo algo a que ele aspira, sente-o como lhe podendo ser avassalador, a ponto de causar o desaparecimento do eu, de modo que isso finda por ele sendo evitado. Para o perverso, no entanto, é algo a ser buscado. Logo, como dito anteriormente, os perversos possuem acesso a um gozo que, como afirma Miller (1997), é impossível de ser transmitido.

O perverso imagina ser o Outro para garantir seu gozo, e é isso que o neurótico revela, ao se imaginar perverso. Eis o que fornece o sentido da pretensa perversão situada no princípio da neurose. Ela existe no inconsciente do neurótico como fantasia do Outro (LACAN, 1960, p.839).

Ceccarelli (2011) afirma que, enquanto para o neurótico o interesse no objeto reside no efeito que a falta suscita, para o perverso o fetiche serviria como uma recuperação do gozo interdito pela barreira do incesto.

Dado tudo que foi exposto aqui, gostaríamos de realizar uma convergência entre os dois conceitos, de modo que como afirma Filho (2012, p.288), o transtorno de Personalidade Antissocial poderia ser brevemente descrito assim:

É sinalizado por insensibilidade aos sentimentos alheios. Quando o grau de insensibilidade se apresenta extremado (ausência total de remorso), levando o indivíduo a uma acentuada indiferença afetiva, este pode assumir um comportamento delituoso recorrente, e o diagnóstico é de **psicopatia (transtorno de personalidade antissocial, sociopatia, transtorno de caráter, transtorno sociopático ou transtorno dissocial)**.

Corroborando com o que Nestor Sampaio Penteado Filho (2012) traz em seu livro, *Manual Esquemático de Criminologia*, como um esquema das características marcantes desse transtorno que, segundo ele, são: 1) Loquacidade ou charme superficial; 2) Superestima; 3) Vida parasitária; 4) Mentira contumaz, com tendência à manipulação; 5) Ausência de culpa; 6) Falta de empatia; 7) Impulsividade; 8) Ausência de objetivos reais a longo prazo; 9) Irresponsabilidade, 10) Promiscuidade; 11) Relato de algum transtorno de conduta na infância.

Do mesmo modo, também foram trabalhadas aqui as questões referentes à Perversão. Sendo assim, poderíamos resumidamente recordar que, como afirma Sequeira (2009), o perverso é aquele que coloca o fetiche como um substituto do falo que falta à mãe, e que é a criança que assume o lugar fálico no lugar de seu pai, papel este que possui uma autorização materna para se instaurar. Dessa forma, o perverso recusa a castração de uma forma ativa, transgredindo as leis. Ele não quer e não pode se deparar com a castração, por isso precisa manter sua imagem, seu teatro. Para que isso seja possível, procura parceiros que ocupem o lugar do fracasso, da falta – e o neurótico cai bem nesse lugar (SEQUEIRA, 2009, p. 224).

Mediante essas duas conceituações poderíamos, então, estabelecer que existe um paralelo entre perversão e psicopatia, uma vez que ambos apresentam a mesma tendência a quebrar as normas sociais estabelecidas, assim como a ausência de empatia e a tendência a mentiras e manipulações.

2. SEGUNDA PARTE: Medeia – um caso de homicídios múltiplos

Antes de expormos o caso de Medeia, é necessário tecermos algumas considerações: Primeiro, podemos reiterar que, epistemologicamente, os conceitos de perversão e psicopatia não são sinônimos, nisso, todavia, visando, o presente trabalho, uma aproximação dos mesmos, vez que os comportamentos dito perversos observados pela psiquiatria e pela psicanálise são correlacionados; segundo, é muito pouco provável que Medeia – enquanto pessoa real – aparecesse em uma clínica buscando alguma forma de psicoterapia, vez que, como iremos observar nas próximas linhas, o *modus operandi* da personagem não parece causar-lhe um sofrimento evidente; E, por último, é importante lembrar que, corroborando com Viganò (2010), todo caso clínico (ou, diríamos, todo caso investigado pela Clínica) consiste em um movimento dialético onde as partes se invertem, a rede social que se coloca em uma posição discente, e o paciente que ocupa o lugar de docente, vez que é através do discurso deste que pode-se chegar à construção psicanalítica que, por sua vez, deve auxiliar nas pesquisas em Psicopatologia Fundamental (MAGTAZ & BERLINK, 2012).

Mediante estas considerações iniciais, tomaremos agora a liberdade de nos utilizarmos da história de vida de Medeia para tecer nossos comentários acadêmicos.

Sabe-se que, ao falarmos de Medeia, no meio psicanalítico, um conceito brota logo em nossa mente: devastação. Dupim e Besset (2011) nos lembram que a palavra “devastação” deriva da palavra de língua francesa *ravage*, que possui o mesmo radical da palavra *ravissement*, que significa “deslumbramento”. Desse modo, o homem seria para a mulher tanto um deslumbramento quanto uma devastação. Para compreender melhor esta ideia, poderíamos separar o conceito em dois momentos, a devastação frente à mãe e frente ao homem amado.

Na primeira, Lacan (2001, p.465) afirma que a devastação se constitui, na mulher, em sua maioria, a partir da relação com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai – vez que é através da mãe que a menina tenta desvendar o *enigma do que é ser mulher*. A segunda, por sua vez, faz referência à demanda de amor que a mulher apresenta ao seu parceiro, que não apresenta limites às concessões que cada uma faz para um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens (LACAN, 2003, p. 538).

Por conseguinte, poderíamos corroborar com os psicanalistas que afirmam ser Medeia um caso típico de devastação feminina. Entretanto, essa designação seria suficiente para explicar o universo da personagem? Se nos ativermos ao final trágico da história escrita por Eurípedes, sim. No entanto, se levarmos em consideração os atos cometidos por Medeia antes e depois de sua tragédia, algumas perguntas, como veremos, seriam suscitadas. Sem mais delongas, passemos à história de Medeia.

Sabemos que a narrativa de Medeia foi contada por diversos autores, para os quais o ponto principal da narrativa é a sua separação de Jasão e os acontecimentos subsequentes. No entanto, antes de chegar à tragédia propriamente dita, existe uma série de fatos que poderiam nos auxiliar na compreensão do que motivou Medeia a realizar os feitos que a tornaram famosa.

Inicialmente, devemos nos ater à região da Tessália, lugar onde residiam dois reis de uma mesma linhagem: Atamas e Esão. O primeiro Rei era casado com Nefele até que, cansado da esposa, ele a expulsa de suas terras, junto com seus dois filhos, fazendo com que ela procure a ajuda de Hermes, que a presenteia com um carneiro de ouro.

Com isso, Nefele utiliza o carneiro para transportar seus filhos em segurança até à cidade de Cólquida.

Apenas um dos seus filhos chega a salvo em Cólquida, Frixos, que, ao ser recebido pelo Rei Etes, sacrifica o carneiro e o oferece a Zeus, deixando o pelo dourado – o famoso Velocino de Ouro – como um tesouro para a cidade, guardado em uma gruta protegida por um dragão. No outro lado da região da Tessália, no reino do Rei Esão, outros acontecimentos se tornam importantes na história: a idade avançada do Rei e a pouca idade de seu herdeiro (Jasão) fazem o soberano entregar o reino às mãos capazes de seu irmão, Pélias, para que este governe até que seu filho atinja a maioridade.

Os anos se passam e chega o dia em que Jasão parte em busca de seus direitos. Pélias se mostra compreensivo, no entanto, sugere ao jovem que antes ele deveria seguir em uma missão, à procura de um tesouro de família, o Velocino de Ouro, e trazê-lo para o reino. Sendo assim, Jasão parte em conquista do Velocino e, chegando à Cólquida, envia uma mensagem para o Rei Etes que, por sua vez, propõe algumas tarefas antes de entregar-lhe o velocino: 1) Jasão deveria arar a terra com dois touros que possuíam patas de bronze e eram capazes de expelir fogo pela boca e narinas; 2) Semear dois dentes de dragão que, segundo a lenda, fazia brotar uma frota de guerreiros que lutavam contra o semeador; e 3) Jasão deveria derrotar o dragão que protegia o Velocino.

Encontramos, nesta parte da história de Jasão, um dos protagonistas da famosa tragédia, e o que motivou sua ida à Cólquida. Para realizar as tarefas, Jasão consegue uma audiência com Medeia, filha do Rei Etes e famosa feiticeira. Propõe casamento à moça e em troca pede-lhe para ajudar na realização de suas provas. E, como afirma Bulfinch (2006):

Médeia cedeu, e graças à sua ajuda, pois ela era uma poderosa feiticeira, Jasão conseguiu um encantamento para se livrar da respiração de fogo dos touros e das armas dos guerreiros (BULFICH, 2006, p.134).

É graças a isso que Medeia afirmará mais adiante, em tom de superioridade, que foi ela quem salvou a vida de Jasão – e que os gregos e todos os nautas de Argo sabem disso (EURÍPEDES, 2010), mesmo que o próprio Jasão não reconheça tal verdade. Entretanto, é necessário ressaltar que Medeia não se refere apenas à ajuda que ofertou nas provas que Jasão executou, mas refere-se também à vez que, ao voltarem

para casa de Jasão, foram perseguidos pelo pai de Medeia, o qual, havendo descoberto a ajuda da filha a Jasão, decidiu recuperar o Velociono. Então, para que a nau Argo e seus navegadores possam fugir, Medeia mata o próprio irmão e joga os pedaços de seu corpo ao mar, de modo que consegue distrair o seu pai – que se detém para juntar as partes do corpo despedaçado do filho. Dessa forma, Medeia e Jasão seguem viagem, deixando seus perseguidores para trás.

Conforme podemos perceber, Medeia apresenta um *padrão persistente de experiência interna e comportamento que se desvia das expectativas da cultura*, de modo que o comportamento dela é *difuso e inflexível*, características estas que foram citadas em um momento inicial deste trabalho como uma definição da 5ª versão do DSM para os chamados Transtornos de Personalidade. Ressaltando ainda que, este traço de sua personalidade, é anterior à tragédia que a torna famosa no meio literário. Sendo assim, tenhamos em mente esse primeiro vislumbre de traço perverso em Medeia ao continuar analisando sua história.

Tenhamos em mente que, ao deixar o pai buscando pelo corpo de seu irmão, Medeia chega a seu destino e, por meio de seus fármacos, devolve a vida e a juventude ao Rei Esão e põe fim a vida de Pélias, ambas as ações sob justificativa de ser recompensa ou punição devido aos feitos realizados por eles a Jasão. É necessário ressaltar que a ausência de limites também é um fator indicativo da psicopatia, uma vez que o indivíduo com esse diagnóstico possui um enorme sentimento de autovalorização e uma forte indiferença frente ao bem-estar ou mal-estar dos outros.

Consoante a estes detalhes, ainda não chegamos ao *fim funesto* prenunciado anteriormente. Medeia ainda *possuía* Jasão, poderíamos então nos remeter ao primeiro significado da devastação proposto por Dupim (2011), o de deslumbramento. Conquanto, não muito tempo depois desses acontecimentos, Jasão acaba trocando Medeia por Crusa, a princesa de Corinto. E isso é o que inicia os acontecimentos relatados por Eurípedes em sua famosa peça.

Esteticamente falando, a peça “Medeia” conta com a participação de um coro (como é tradicional nos dramas gregos), pela mulher que cuidava dos filhos de Medeia (Nuriz), pelo homem que cuidava da educação das crianças (Pedagogo), pelo Rei de Atenas (Egeu), pelo Rei de Corinto (Creon), por Jasão, por Medeia e pelo mensageiro que vem avisar sobre o que causaram as ações de Medeia. A história começa com uma conversa

entre a nuriz e o pedagogo sobre o medo que sentem da fúria de Medeia e de suas possíveis consequências. Medeia aparece depois se lamuriando sobre a vida e maldizendo os envolvidos em seu infortúnio: poderíamos, então, afirmar que ao perder Jasão para Crusa, Medeia entraria na devastação propriamente dita.

Porquanto, quando chega Creon para exilar Medeia e seus filhos de sua terra, poderíamos, sim, dizer que o fato que se segue – o assassinato dos próprios filhos e da princesa de Corinto – foi o ato de uma mulher devastada. Entretanto, é neste ponto da história que abandonamos os psicanalistas – como Miller, Besset e Dupim – que afirmam ser esta a única definição dos acontecimentos, e se utilizam do conceito de devastação para explicar o porquê de não existirem mulheres perversas, e nos aproximamos dos psiquiatras e psicanalistas como Stoller, Castro e Gama que nos afirma: é muito mais fácil encontrar um homem perverso do que uma mulher perversa, no entanto, isso não significa que elas não existam.

Mediante a isto, podemos corroborar com a característica imaginária do falo proposta por André (*apud* CASTRO, 2011, p. 48) que é deixada de lado pelos que preferem privilegiar o registro do real, de modo que, de fato, não haveria nenhuma razão para que uma menina não possa projetar a existência de um falo neste lugar, para que *assim mesmo* possa negar a castração. Sendo assim, poderíamos questionar livremente: não seria Medeia uma representante dessa mulher perversa?

Visto que, em sua busca por vingança contra aquele que a abandonou, Medeia não se satisfaz ao matar a pretendente de seu ex-marido e seu pai, partindo para o assassinato dos próprios filhos de modo brutal, pois, mesmo sem ficar claro o meio de que ela se utilizou para o ato criminoso, é sabido que ao expor os corpos de seus filhos em um pátio para que Jasão os contemple sem vida, denota, com isso, ao mesmo tempo uma falta de arrependimento – comportamento que serve como característica do Transtorno de Personalidade Antissocial – e um jogo perverso no qual, muito mais do que o sofrimento da vítima, o que importa são os protestos de inocência e as súplicas de perdão (CLAVREUL, 1990, *apud* CASTRO 2011), súplicas estas que podemos ver neste trecho da peça:

Poe na cabeça, de uma vez por todas: não foi por outra que subi ao leito régio, mas por querer salvar a ti e aos dois meninos, pai

e irmão dos filhos de agora, príncipes, bastiões do alcácer (EURÍPEDES, 2010, p.77).

Essa fala de Jasão é anterior ao assassinato dos filhos e posterior ao decreto que os exilava de Corinto, é ainda parte do discurso que ele faz para tentar aplacar a fúria de Medeia. O tom de súplica aí evidente é substituído no final pela dor expressa em:

JASÃO: Ó filhos tão queridos!

MEDEIA: Só por mim.

JASÃO: Por que os mataste então?

MEDEIA: Para que sofras. (EURÍPEDES, 2010, p. 153)

Mediante o diálogo que se segue a partir daí, podemos estabelecer uma ponte com o forte traço narcísico de Medeia, que poderíamos chamar de “sintoma” perverso. McDougall (*apud* Rudge, 1999) define a forma do sintoma do perverso como “ato-sintoma” que é relacionado ao fato de que o perverso provoca situações sem responder por elas em nome do seu desejo e também se refere ao arranjo defensivo, que o perverso faz para lidar com a castração, que se articula com o desempenho – *acting out*, formando daí o seu sintoma privilegiado. Portanto, no ato-sintoma, o perverso revive a experiência de onipotência desfrutada pelo *eu ideal*.

Visto que Freud conceitua o *eu ideal* como uma espécie de substituto do narcisismo perdido na infância que passou pelas críticas e exigências parentais de modo que se torna uma modelo representativo da perfeição perdida que o Ego vai buscar, observamos no perverso que ele precisa que um outro que confirme o sucesso de sua recusa da castração (CASTRO, 2004). Deste modo, o outro, ou melhor, os outros que vão servir como terceiros para Medeia são: o pedagogo, a nutriz e o coro. E é para eles que ela endereça seu monólogo, quando afirma:

Está para nascer alguém que agrida um filho meu! Se *ananke*, o necessário, impõe sua lei indesviável, nós daremos fim a quem geramos. (EURÍPEDES, p.121)

Uma vez que é a eles que ela expõe seus pensamentos e atos mais obscuros, coloca-os na posição de cúmplices, o que sabemos ser de bastante importância na perversão. Mediante ao exposto também poderíamos questionar a passionalidade do crime de Medeia, que vingasse de Jasão matando os próprios filhos não de uma

forma impensada, mas sim arquitetada. O *fim funesto*, anunciado e executado por Medeia, denota a ausência de remorso da personagem – o que também aparece no transtorno de Personalidade Antissocial, junto à frieza, ao egocentrismo e à manipulação, características estas também relacionadas às questões narcísicas, propostas pela psicanálise. Lembrando que Freud conceitua o narcisismo a partir do mito grego de Narciso, personagem que se apaixona pelo próprio reflexo ao ver-se nas águas de um rio, de modo que o narcisismo propriamente dito é: o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação que, em certa medida, pode justificadamente ser atribuído a toda criatura viva (FREUD, 2006, p. 81).

Desse modo, poderíamos corroborar com Ramos (2010) e afirmar que, levando em conta o conceito proposto por Freud, a falha de integração narcísica leva à uma progressiva desorganização psíquica e corporal, que poderíamos chamar de perversão. Porquanto, o perverso não aceita a lei paterna – castração – que se configura como as normas sociais e, portanto, rejeita a realidade e recalca as pulsões pré-edípicas de modo que apresenta um senso moral e de justiça peculiar com base em seu recolhimento narcísico e no uso de suas defesas contra as angústias primitivas. Mediante isso, nos utilizaremos ainda do que Caparrós (1998, *apud* Ramos 2010) traz: para este autor, o sujeito nasce – psiquicamente – através de seus vínculos, de modo que a ruptura ou desligamento desses vínculos consequentemente traria a morte psíquica. Sendo assim, o narcisismo patológico, tomado por Ramos como um sinônimo de perversão, é uma estrutura que coloca em confronto o sujeito e a objetividade, de modo que encontramos neste ponto certa convergência nos conceitos de psicopatia e perversão.

Dado o que foi exposto, podemos questionar os atos de Medeia de forma mais clarificada: ao matar seus próprios filhos para atingir Jasão, Medeia não os eleva ao *status* de objeto? Ao afirmar que apenas ela, por gerar sua prole, estaria autorizada a exterminá-los, não estaria Medeia demonstrando uma espécie de narcisismo patológico? O crime “passional” de Medeia foi um ato frente ao amor que tinha a Jasão, ou um ato de amor à si mesma? Apenas uma coisa podemos afirmar destas indagações: Medeia consegue matar simbolicamente Jasão ao destruir tudo que ele ama, no entanto é apenas ela que, no fim da peça, sai vitoriosa em uma

postura de *ex machina* típica do teatro grego – apresentando-se como deusa da vingança.

Entretanto, não podemos deixar de ressaltar que, como afirma Vieira (2010), a capacidade apresentada por Medeia em demonstrar tanto controle em uma situação que objetiva algo tão terrível não foi demonstrada apenas nesta tragédia, vez que na cronologia de sua história Medeia mata o irmão e, logo após o assassinato de seus filhos, ela segue para as terras de Egeu onde se casa com o mesmo e tenta assassinar o filho dele, Teseu, para não perder a influência que exercia sobre o marido.

Consoante aos fatos aqui narrados, parece bastante simplório afirmar que os comportamentos de Medeia se deram apenas devido ao fracasso de seu relacionamento amoroso com Jasão. É analisando todo o percurso de vida da personagem que nos questionamos se o conceito de devastação é suficiente para explicar os atos da personagem.

3. TERCEIRA PARTE: questões acerca do feminino

Entretanto, como tudo que aqui está posto se relaciona com o feminino? Para discutirmos isso é necessário circunscrever o campo no qual essa questão se insere, no caso, o campo da sexualidade. No entanto, devemos nos ater à sexualidade tal como proposta pela psicanálise, e não aquela relacionada exclusivamente à Biologia e às normas sociais relativas ao comportamento sexual que, como, afirma Birman (1999), estão atreladas à Sexologia.

Mediante isso, para a psicanálise, a sexualidade estaria relacionada à *fala* e à *linguagem*, e pertenceria ao campo da *fantasia* (BIRMAN, 1999). Tendo então definido o campo em que desejamos abordar a temática do feminino, precisamos lembrar que, no Seminário XX, Lacan fala da escritura que orientará a sexuação de todos os seres falantes (VALDIVIA, 1997) a partir de dois polos, o masculino e o feminino, que não são relacionados aos sexos biológicos, mas sim às duas formas de gozo: um todo fálico e um não-todo fálico.

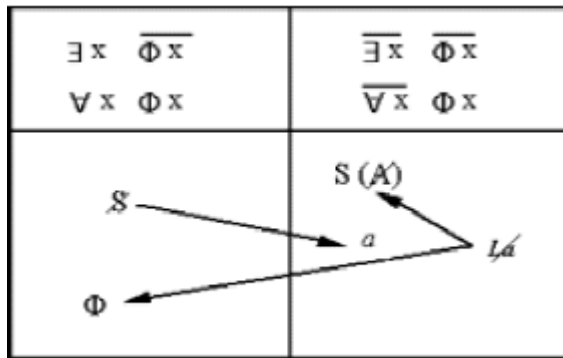


Figura 2 - Fórmula da Sexuação (LACAN, 1972-1973/1985, p.105)

Para lermos o gráfico é necessário que tenhamos em mente, como afirma Gama (2012) que, no lado masculino, em primeira instância, existe ao menos um homem que não é castrado e que ele é o que constitui a universalidade masculina e, em segundo lugar, é necessário ter em mente que todos os homens estão localizados na posição fálica. No lado feminino, por sua vez, temos que não existe uma mulher que não tenha sido castrada e, assim, não existe uma mulher que constitua a universalidade feminina. Por último, pode-se perceber que, segundo essa equação, não existe uma mulher na posição fálica, no entanto todas elas possuem uma correlação com essa posição. Ainda segundo Gama temos que:

Pretende-se, então, situar o feminino num mais além do gozo fálico, um gozo Outro que não tem representação significativa (é da ordem do real); é inefável e corporal. Concluindo: enquanto o lado masculino é aquele do todo-fálico, o feminino é o do não-todo fálico (GAMA, 2012, p.37).

Por isso, a psicanálise milleriana afirma que a perversidade/psicopatia é uma expressão do gozo fálico, ou seja, do gozo exclusivamente masculino, tal que não existiriam, assim, mulheres perversas. Contudo, não poderíamos nos esquecer do que trouxemos em outra sessão neste trabalho: a característica imaginária do falo que nos propõe um novo olhar para esse registro do gozo masculino e feminino, de modo que tornar-se-ia difícil afirmar categoricamente que não existe mulher perversa, vez que não caberia às mulheres um lugar de negação da castração. Desse modo, cabe-nos questionar as verdades impostas tão prontamente pelos discursos ofertados.

CONCLUSÕES?

Como foi dito anteriormente, na Academia é praticamente impensável a ideia de existir uma perversão feminina, ao menos quando falamos do lugar da psicanálise. No entanto, aqui estamos levantando a bandeira do questionamento às verdades estabelecidas. Será que nosso intuito é apenas bater de frente com renomados psicanalistas? Será que questionar ideias, como esta, é unicamente o nosso propósito? Poderiam dizer que sim, que nosso objetivo primeiro é colocarmos a psiquiatria e a psicanálise em conflito e dar um veredito final do tipo: uma tem razão e outra não.

Quem leu nosso trabalho até aqui pode atestar que, mesmo que existam certas divergências de pensamentos, estamos tentando encontrar um caminho do meio. Caminho este que não invalidaria um em detrimento do outro. Desse modo, para além de uma contraposição de ideias, nossa intenção foi estudar o que cada lado tem a dizer sobre o comportamento tipificado como perverso para que, então, munidos de seus discursos, pudéssemos perguntar: afinal, existem ou não mulheres perversas?

Para esta pergunta, escolhemos a palavra *talvez* como resposta. Palavra pouco valorizada na área científica por demonstrar certa vulnerabilidade, mas que utilizamos aqui com grande leveza. *Talvez* existam mulheres perversas, *talvez* não. O fato é que antes de decretarmos um posicionamento deveríamos levar em consideração todos os detalhes do caso, como fizemos com Medeia. O que queremos dizer aqui, afinal, é que não podemos simplesmente reproduzir o que alguns teóricos afirmam apenas para não discordar de suas ideias. Na psicologia muito se fala de “cada caso ser um caso”, frase esta que sempre me faz lembrar uma fala de Shakespeare que diz mais ou menos assim: Sou no mundo como uma gota d’água, que ao cair no oceano cheia de desejos de achar a companheira desaparece na busca sem jamais ser vista”; ou seja, cabe-nos atentar aos detalhes de modo a não perdermos a sutileza que diferencia os pacientes e suas histórias.

Devastação? Perversão? Psicopatia? Narcisismo Patológico? Transtorno de Personalidade Antissocial? Será que poderíamos arrematar todo o conteúdo expresso neste trabalho e enquadrar Medeia em uma classificação só? Em suma, corroborando com a ideia psicanalítica de não ofertar um diagnóstico ao paciente, reduzindo-o a isso, não responderemos, por enquanto, a estas questões, vez que é o caminho percorrido para

entender o funcionamento psíquico do paciente que fala mais alto e, desta forma, o caso clínico apresentado aqui serviu a seu propósito, qual seja, apresentar os comportamentos de Medeia e, enfim, questioná-los.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Tássio. “Ele é um psicopata’, diz delegado sobre suspeito de matar turista”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2015/03/ele-e-um-psicopata-diz-delegado-sobre-suspeito-de-matar-turista.html>>. Acesso em: 22 de julho de 2015.

ARAÚJO, Marília Viveiros. **O psicopata e o senso moral**. 2007. 85 f. Monografia (Curso de Psicologia) – Faculdade de Ciências da Saúde, Brasília – DF.

BIRMAN, JOEL. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34 LTDA, 1999.

BRASIL. THE AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BULFINCH, THOMAS. O velocino de ouro – Médeia e Esão. In: **O livro de ouro da mitologia: história de deuses e heróis**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 133-140.

_____. Teseu – Dédalo – Castor e Pólux. In: **O livro de ouro da mitologia: historia de deuses e heróis**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 153-160.

CASTRO, Sílvia Lira Staccioli. **Aspectos teóricos e clínicos da perversão**. 2004. 87 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia da PUC-Rio, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2001.

CASOY, Ilana. **Serial Killer: louco ou cruel?**. São Paulo: Madras, 2004.

CECCARELLI, Paulo Roberto. “As possíveis leituras da perversão”, in **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte, n. 36, p.135-148, dez. 2011.

RAMOS, Maria Beatriz Jacques. O escorpião e o sapo: o quê da perversão. *Estudos de Psicanálise*. Belo Horizonte, n. 33, jul. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372010000100009>. Acesso em: set. 2015.

CLAVREUL, Jean.1990. In: CASTRO, Sílvia Lira Staccioli. **Aspectos teóricos e clínicos da perversão**. 2004. 87 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia da PUC-Rio, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2001.

DUPIM, Gabriela; BESSET, Vera Lopes. “Devastação: um nome para dor de amor”, in **Opção Lacaniana Online**, ano 2, n. 6, nov. 2011. Disponível em:

<http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/devastacao_um_nome_para_dor_de_amor.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2016.

EURÍPEDES, C. 480-406 a.C. **Medeia/ Eurípedes**; edição bilíngue; tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira; comentário de Otto Maria Carpeaux. São Paulo: ED. 34, 2010.

FILHO, Nestor Sampaio Penteado. **Manual Esquemático de Criminologia**. São Paulo: Saraiva, 2012.

FREUD, Sigmund. Fetichismo. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.150-160.

FREUD, Sigmund. Sexualidade Feminina. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.230-251.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Volume VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.116-231.

GAUDÊNCIO, Edmundo de Oliveira. **Sociologia da maldade & maldade da sociologia**: arqueologia do bandido. 2004. 436 f. Tese (doutorado em sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande – PB.

LACAN, Jaques. **O seminário, livro 7**: a ética da psicanálise [1959-1960]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008,

LACAN, Jaques. **O seminário, livro 20**: mais ainda [1901-1981]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

MARTINHO, Maria Helena Coelho. **Perversão**: um fazer gozar. 2011. 341 f. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ.

MENDONÇA, Ligia Gama e Silvia Furtado de. **Há mulher na estrutura perversa?**. 2012. 99 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

MILLER, Jacques Alain. **Lacan Elucidado**. Palestras no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 153-220; 329-388.

MOREIRA, Jaqueline de Oliveira. “Édipo em Freud: o movimento de uma teoria”, in **Psicologia em Estudo**. Maringá, v.9, n.2, p. 219-227, mai/ago. 2004.

NASIO, Juan-David. **Édipo**: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NASIO, Juan-David. **Cinco lições sobre a teoria de Jaques Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

RUDGE, A. M. T. P. “Versões do supereu e perversão”, in **Psicologia: Reflexão & Crítica**. PORTO ALEGRE, UFRGS, V. 12, N. 3, P. 1-12, 1999.

SEQUEIRA, Vânia Conselheiro. “Pedro e o Lobo: o criminoso perverso e a perversão social”, in **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília. v. 25, n. 2, p. 221-228, abr/jun. 2009.

SILVA, Ana Beatriz B. **Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

VALDIVIA, Olivia Bittencourt. “Psicanálise e feminilidade: algumas considerações”, in **Psicologia, Ciência e Profissão**. v. 17, n. 3, p.20-27. 1997.

VALLAS, Patrick. **Freud e a Perversão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

VELLASQUES, Camila Tersariol. **O perfil criminal dos serial killers**. 2008. 81 f. Monografia (Bacharelado em Direito) – Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo”, Presidente Prudente – SP.